

## O SIGNIFICADO DOS ROLEZINHOS

Nildo Viana

Professor da Faculdade de Ciências Sociais da UFG – Universidade Federal de Goiás; Doutor em Sociologia pela UnB – Universidade de Brasília.

Os chamados “rolezinhos”, “passeios” realizados em shopping centers grupos de jovens de setores mais pobres das classes desprivilegiadas, vem recebendo grande atenção da imprensa e outros setores da sociedade. O que eles significam? Não existem pesquisas sobre isso e, portanto, além das posições axiológicas, pautadas nos valores dominantes, de parte da imprensa e indivíduos em geral, há muitas pessoas se manifestando sobre o assunto sem maiores reflexões. Por isso é importante refletir sobre esse fenômeno, de forma introdutória, para entender seu significado.

O primeiro ponto é o que gera tal fenômeno coletivo. E é importante destacar que é um fenômeno coletivo e não individual. Se um jovem lumpemproletário, ou dos estratos inferiores do proletariado ou de outra classe desprivilegiada, vai a um Shopping Center, nada acontecerá além do possível mal estar deste indivíduo, seja pelo preconceito, olhares, insatisfação pela incapacidade de consumo, mau atendimento, etc. e pelo estranhamento dos demais. É um fenômeno social e de classe, mas que atinge apenas um indivíduo, não tendo maiores consequências políticas. Agora, se, ao invés de um, são 10, 20, 100 aí é um fenômeno coletivo que provoca algo mais, provoca uma reação coletiva também e quanto maior é a quantidade, mais forte é a reação. A reação geralmente é de medo. Quando é o indivíduo isolado dos estratos mais baixos das classes desprivilegiadas que vai ao Shopping, ele sente uma dose de medo, misturado com vergonha e outros sentimentos e representações. Agora, quando são muitos, o medo passa para o outro lado.

# Revista Posição



O que é o rolezinho? A palavra “rolé” quer dizer “passeio”, “volta”. Quando alguém diz que vai dar um rolé, quer dizer que vai passear, “dar uma volta”, andar por aí. O “rolezinho nos shoppings” é apenas uma extensão disso, um grupo que marca para passear, dar uma volta no shopping. Eles se diferenciam dos rolés comuns por aglutinar uma quantidade maior de pessoas, embora depois de sua popularização passasse a ser realizados também por pequenos grupos, reunidos num lugar específico, o Shopping Center, e geralmente chamados pela internet, especialmente através do Facebook.

A ousadia dos jovens paulistanos que acabou se espalhando pelo país e gerando uma preocupação por parte de um tripé bem conhecido: governo, grande imprensa, classe capitalista. Eles (e em muitos casos os partidos chamados de “esquerda” e organizações burocráticas em geral) temem tudo que é espontâneo e sem líderes. Eles pensam que sem líderes para cooptar, para dirigir e enquadrar as pessoas, etc., há um perigo. Isso é, em parte, falso e, em parte, verdadeiro. É falso ou verdadeiro dependendo do contexto, objetivo, participantes, reação do governo e dos outros, etc. Também é perigoso para alguns e não para todos em certos casos, como, por exemplo, num amplo movimento de pessoas politizadas que querem o fim do capitalismo há perigo para a burguesia em perder suas preciosas propriedades, ou quando agrupamento heterogêneos contando com diversas formas de agir e objetivos podem entrar em confronto com outros setores da sociedade (lojistas, oponentes políticos, policiais, etc.). No caso dos chamados “rolezinhos”, nos quais não tem objetivos subversivos, não há maior politização, não há reivindicações mais profundas a não ser estar naquele espaço naquele momento, surgir algum perigo só pode ocorrer devido ação dos outros, que vai desde o preconceito, passando pela repressão e confronto, o que pode gerar uma reação violenta. O despreparo, o elitismo, a ignorância, entre outros elementos que acometem as classes privilegiadas e os aparatos repressivos é o maior perigo nesse caso.

O que gera tais rolezinhos? Essa é uma questão mais importante e que merece uma análise mais profunda. A origem desse fenômeno remonta as manifestações populares do ano passado. Naquele contexto ocorreram diversas manifestações espontâneas e ficou evidente a força da população no sentido de pressionar os governos e agir de forma independente de aparatos burocráticos (Estado, partidos, etc.). Assim,

## Revista Posição



ficou evidente que há uma força da população quando ocorre um movimento espontâneo e coletivo. A força da espontaneidade e da coletividade (que gera medo na classe dominante e outros setores) ficou explicitada. Outro elemento das manifestações de junho que ajudam a entender os rolezinhos são o meio de comunicação principal para sua realização: a internet, especialmente o facebook e redes sociais. Os rolezinhos são ações coletivas e espontâneas cujo principal veículo de comunicação e aglutinação é a internet, tal como nas manifestações de junho e onde se viu a possibilidade de sua concretização.

Um outro elemento das manifestações de junho também ajuda a entender a emergência do fenômeno dos rolezinhos: a confissão que a sociedade brasileira existe sob a base da divisão de classes, o que se manifesta através do descontentamento, da percepção das enormes desigualdades e dos problemas sociais. A divisão de classes vista em sua forma aparente, fenomenal, o que é um avanço do desenvolvimento da consciência que tende a se aprofundar e reforçar com os outros aspectos já aludidos (espontaneidade e ação coletiva). Os rolezinhos são a ocupação de um espaço por parte de jovens das classes desprivilegiadas de espaços que são das classes privilegiadas. Nesse sentido, é expressão das lutas de classes. Mas aqui cessa a semelhança. O que resta são diferenças. Os rolezinhos são inspirados, também, na cultura dominante produzida pelos meios oligopolistas de comunicação, a começar pelo funk da ostentação voltado para o consumo conspícuo, voltado para a reprodução dos valores dominantes através da competição social por *status* via consumismo de bens supérfluos. Essa cultura incentiva o consumo e, ao mesmo tempo, mostra a desigualdade no consumo, mera reprodução da divisão de classes. Contudo, os jovens envolvidos em tais rolezinhos não possuem grande consciência desse processo e assimilam os valores dominantes, muitas vezes concretizando parte deles através do consumo via grande sacrifício. A escolha dos shopping centers para a realização do rolezinho e não qualquer outro lugar não é gratuita, pois lá é um lugar privilegiado para o consumo, bem com do consumo privilegiado (não esquecendo as diferenças entre os shopping centers, já que existem os mais “populares”).

# Revista Posição



Em síntese, os rolezinhos realizam uma síntese de elementos das manifestações de junho e dos valores dominantes da sociedade capitalista contemporânea, o que faz nascer novas contradições sociais. A contradição social, de classes, que emerge daí não aponta, nesse fenômeno coletivo, para a superação do capitalismo, pois é mais uma reafirmação dele, mas cria o conflito com as classes privilegiadas e seus aparatos por ocupar espaço que é reservado para elas. Esse conflito, por sua vez, tende a promover um desenvolvimento da consciência de classe, o que significa, também, a corrosão dos valores dominantes. A imitação do modo de vida dos privilegiados pelos desprivilegiados é corroída pela segregação, preconceito e repressão, mostrando as diferenças de classes que o consumo não pode abolir.

Mas, para os governos, aparatos repressivos, meios oligopolistas de comunicação, classes privilegiadas em geral, não há grande alternativa. Ou agem dessa forma, ou correm o risco de infiltração de grupos com outros interesses, politização do processo e, ainda, diminuição da fronteira entre as classes sociais, num espaço onde a música clássica e o funk ficam lado a lado, o que não deixa de ser cômico. Segundo linguagem popular, pobres e ricos irmanados num mesmo espaço realizando uma mistura cultural indesejável para uma sociedade cuja a competição social e a distinção são marcos fundamentais e, para uma grande parte dos indivíduos das classes privilegiadas, o seu último refúgio na vida, se sentir melhor do que a ralé que faz rolé e que a sua vida medíocre de consumista vale a pena. Esse obstáculo é ainda reforçado pelo medo e perigo representado por movimentos espontâneos e coletivos de “pessoas não confiáveis”, os jovens das classes desprivilegiadas, que são “caso de polícia”, para alguns, lojistas com medo de furto, aparato repressivo temendo saques e subversão.

Mas, deixando as preocupações burguesas de lado, o que se observa é que a sociedade brasileira mudou desde as manifestações de junho e que o desenvolvimento de meios de comunicação fora do eixo oligopolista permitiu novas experiências e troca de informações que abrem espaço para uma maior politização da sociedade, o que já ocorreu de forma precária e limitada, a não ser em círculos mais restritos em que o processo foi mais profundo, e até mesmo aqueles que eram consumistas conformistas, submetidos aos valores dominantes, agora são relativamente mais exigentes, querem

## Revista Posição



mais, o que produz um inconformismo parcial, que gera novos conflitos e a possibilidade de sua passagem para uma forma superior, bem como elemento propulsor de novas ações sociais, pois os rolezinhos mostraram, em escala muito menor em comparação com as manifestações de junho, a força da espontaneidade e da coletividade, e quanto mais a população perceber isso, mais os governantes e as classes privilegiadas se sentirão ameaçadas e o conflito tende a ser cada vez mais consciente, organizado, e, portanto, se transformar numa luta de classes sob forma mais radical, questionando as bases da sociedade capitalista.